

Diferenças e semelhanças do mercado de trabalho nas Regiões Metropolitanas de Salvador e de São Paulo

*Leila Luiza Gonzaga**

Resumo

O mercado de trabalho nas regiões metropolitanas de Salvador e de São Paulo passou por diversas mudanças no decorrer da década de 1990. Embora em São Paulo esse mercado continue mais estruturado em relação ao de Salvador, alguns movimentos em direções contrárias ou em ritmos diferenciados os tornaram mais parecidos em alguns aspectos, tais como as proporções da taxa de desemprego oculto em relação à taxa de desemprego total, o assalariamento, o trabalho autônomo e doméstico e a parcela da massa de rendimentos apropriada pelos mais ricos.

Palavras-chave: mercado de trabalho, mão-de-obra, desemprego, ocupação e rendimento.

Abstract

The labor market in the metropolitan areas of Salvador and São Paulo went through several changes during the 90's. Although the labor market in São Paulo is still better structured when compared to Salvador, some movements in opposite directions or different rhythms have bridged the gap in many aspects. As for instance the percentage of hidden unemployment in relation to the total unemployment rate, registered laborers, self-employed laborers and domestic workers, and the share of total income allotted to the wealthiest.

Key words: labor market, workforce, unemployment, occupation and income

INTRODUÇÃO

As regiões metropolitanas de São Paulo e de Salvador, embora bastante diferenciadas no processo de formação econômica e social que condicionou as características de sua mão-de-obra, guardam algumas semelhanças nas suas respectivas estruturas de mercado de trabalho.

Os estudos sobre as transformações do mercado de trabalho na década passada indicam, genericamente, crescimento do desemprego, maior duração de desemprego, aumento da proporção de ocupações menos protegidas pelas leis trabalhistas e com menor remuneração e redução de postos de trabalho na In-

dústria e em alguns ramos nos Serviços – sobretudo no segmento creditício e financeiro. No entanto, em que medida essas mudanças se diferenciaram em um mercado mais estruturado, como o da Região Metropolitana de São Paulo, e em outro menos estruturado, como o da Região Metropolitana de Salvador?

Neste artigo procura-se mostrar, através dos principais indicadores da Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED, algumas coincidências e disparidades do mercado de trabalho em 2005 nessas duas regiões, bem como as principais mudanças ocorridas nos últimos nove anos, período com disponibilidade de dados para a Região Metropolitana de Salvador. A intenção, portanto, não é fazer um retrato detalhado desses mercados – informações encontradas nos materiais de divulgação das instituições responsáveis pela pesquisa –, mas apontar, a partir de um panorama geral,

*Socióloga, pós-graduada em Economia e Gestão das Relações de Trabalho (PUC-SP). Analista de mercado de trabalho da Fundação Seade. leilagonzaga@seade.gov.br

Tabela 1

Estimativas do número de pessoas de 10 anos e mais, segundo condição de atividade
Regiões Metropolitanas de Salvador e de São Paulo, 1997 e 2005

Em 1.000 pessoas

Condição de Atividade	Salvador		São Paulo	
	1997	2005	1997	2005
População em Idade Ativa	2.260	2.810	13.845	15.808
População Economicamente Ativa	1.354	1.717	8.542	10.038
Ocupados	1.061	1.298	7.175	8.342
Desempregados	292	419	1.367	1.696
Em Desemprego Aberto	168	244	880	1.054
Em Desemprego Oculto	125	175	487	642
Em Desemprego Oculto pelo Trabalho Precário	81	127	359	491
Em Desemprego Oculto pelo Desalento	43	48	128	151
Inativos com 10 Anos e Mais	906	1.093	5.303	5.770

Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego. Seade-Dieese/SP, SEI-Setras-UFBA/BA e MTE/FAT.

algumas características que aproximam ou distanciam esses mercados, a princípio, tão distintos.

A PED surgiu, na Região Metropolitana de São Paulo, como resposta às estatísticas oficiais sobre trabalho e desemprego, que não expressavam a diversidade de situações verificadas nos grandes centros urbanos brasileiros (TROYANO, 1990), passando, posteriormente, a ser realizada também nas regiões metropolitanas de Salvador, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife e no Distrito Federal. Nesse sentido, a utilização da PED parece ser a escolha mais apropriada para comparação das duas regiões, uma vez que capta situações não classificadas em outras pesquisas, como o desemprego oculto pelo trabalho precário – que tem peso relevante principalmente em Salvador –, além de permitir o acompanhamento e a comparação de indicadores em um longo período de tempo, devido à existência de uma série histórica iniciada em 1985, na RM de São Paulo, e em 1997, na de Salvador.¹

CARACTERÍSTICAS DO MERCADO DE TRABALHO – O QUE MUDOU DESDE 1997²

Em 2005, a População Econômica-

¹ Na Região Metropolitana de Salvador a pesquisa foi realizada, também, no período de 1987 a 1989.

² Agradeço a Edgard R. Fusaro, técnico do Dieese, pelo processamento dos dados, assim como às equipes de estatística da PED da RMS e da RMSP.

mente Ativa na Região Metropolitana de Salvador foi estimada em 1.717 mil pessoas, 26,8% maior que em 1997. Com crescimento de 17,5% no mesmo período, a PEA da Região Metropolitana de São Paulo correspondia a 10.038 mil pessoas (Tabela 1).

Embora o crescimento da PEA na RMSP tenha sido inferior àquele observado na RMS, a relação desse contingente com a População em Idade Ativa – PIA, expressando o ritmo de expansão da força de trabalho, registrou maior aumento na região paulista, cuja taxa de participação global cresceu de 61,7%, em 1997, para 63,5%, em 2005, enquanto na RMS passou de 59,9% para 61,1% no mesmo período. Esse indicador, um pouco mais elevado na primeira região, deve-se, principalmente, à maior participação de homens, jovens e pessoas mais escolarizadas no mercado de trabalho da RMSP (Tabela 2).

Tabela 2

Taxa de participação, segundo atributos pessoais
Regiões Metropolitanas de Salvador e de São Paulo, 1997 e 2005

Em porcentagem

Atributos Pessoais	Salvador		São Paulo	
	1997	2005	1997	2005
Total	59,9	61,1	61,7	63,5
Sexo				
Homens	69,3	68,5	73,9	72,4
Mulheres	51,9	54,7	50,5	55,5
Posição no Domicílio				
Chefe	75,9	72,2	79,4	75,4
Demais	53,0	55,4	52,9	56,8
Faixa Etária				
10 a 14 Anos	10,3	3,1	9,7	5,4
15 a 17 Anos	39,1	26,5	51,1	43,8
18 a 24 Anos	74,1	73,9	78,4	83,0
25 a 39 Anos	83,5	84,1	81,2	84,5
40 a 49 Anos	79,1	77,8	75,3	78,2
50 a 59 Anos	58,1	58,8	58,8	60,3
60 Anos e Mais	19,2	17,4	22,3	21,1
Nível de Instrução				
Analfabeto	43,9	32,6	44,2	34,8
Ensino Fundamental Incompleto	50,5	45,0	51,3	46,2
Ensino Fundamental Completo + Médio Incompleto	64,2	63,3	69,7	65,6
Ensino Médio Completo + Superior Incompleto	77,7	77,2	78,6	82,0
Ensino Superior Completo	84,2	81,7	86,7	86,6
Raça/Cor				
Negros	60,8	61,2	63,1	64,5
Não-Negros	56,6	60,7	61,0	62,9

Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego. Seade-Dieese/SP, SEI-Setras-UFBA/BA e MTE/FAT.

Diminui distância da proporção do desemprego oculto entre as duas regiões

Entre 1997 e 2005, a taxa de desemprego total aumentou de 21,6% para 24,4% da População Economicamente Ativa, na RMS, e de 16,0% para 16,9%, na RMSP. O crescimento maior na RMS deveu-se a elevações quase que proporcionais das suas componentes: 14,5% para a taxa de desemprego aberto e 10,9% para a de desemprego oculto. Já na RMSP, esses indicadores aumentaram, respectivamente, 1,9% e 12,3%. O principal diferencial entre os movimentos internos da taxa de desemprego oculto foi o decréscimo da taxa de desemprego oculto pelo desalento na RMS (12,5%) e a estabilidade na RMSP (Tabela 3).

O desemprego oculto contribui com considerável parcela da taxa de desemprego total nas duas regiões, ressaltando-se que a diferença entre elas tem diminuído, uma vez que a proporção da taxa de desemprego oculto em relação à de desemprego total, na região baiana, reduziu-se de 43% para 42% no período analisado, enquanto na região paulista aumentou de 36% para 38%. Se for tomado como ano de comparação 1989, fica mais evidente a aproximação desses valores, quando equivaliam a 45% na RMS³ e a 25% na RMSP.

O desemprego oculto contribui com considerável parcela da taxa de desemprego total nas duas regiões, ressaltando-se que a diferença entre elas tem diminuído, uma vez que a proporção da taxa de desemprego oculto em relação à de desemprego total, na região baiana, reduziu-se de 43% para 42% no período analisado, enquanto na região paulista aumentou de 36% para 38%

O aumento da taxa de desemprego oculto pelo trabalho precário é um importante indicativo da deterioração do mercado de trabalho. Essa forma de auto-ocupação esporádica pode ser entendida como um dos últimos recursos possíveis para que o indivíduo, normalmente com maior tempo em desemprego, obtenha alguma remuneração (mesmo que em espécie ou benefício) enquanto procura um trabalho diferente deste que realiza.

Em ambas as regiões, são as mulheres, os jovens e as pessoas com ensino médio completo ou superior incompleto aqueles que se encontram em maior número na condição de desemprego, perfil que se distingue do encontrado em 1997, quando a maior

proporção era de homens e adultos de 25 a 39 anos – na RMSP – e pessoas com ensino fundamental incompleto (Tabela 4). Uma possível explicação para tal mudança seria a maior dificuldade das mulheres para encontrarem uma ocupação em proporção similar à da sua entrada no mercado de trabalho, que se intensificou a partir dos anos 1980, bem como o maior acesso e permanência dos jovens nas escolas nesses últimos anos, o que significa uma mudança no perfil educacional da população total que se reflete no contingente de desempregados. Parcela dos jovens, portanto, tende a adiar sua entrada no mercado de trabalho até concluir os estudos – em geral, o ensino médio –, e quando essa entrada se concretiza, em um ambiente de baixo crescimento econômico e ocupacional, esses jovens enfrentam a desvantagem de competir com pessoas mais experientes.

Em relação ao atributo raça/cor, a maioria dos desempregados na RMS é composta de negros (90,6%), enquanto na RMSP esse percentual é de 44,0%, diferença associada à característica regional da população. Destaca-se, no entanto, que a proporção de negros na PEA (cerca de 87% e 36% em cada região, respectivamente) é menor do que a verificada no contingente de desempregados, resultando em uma sobre-representação de desempregados negros, especialmente na RMSP.

Tabela 3

Taxas de desemprego, segundo tipos
Regiões Metropolitanas de Salvador e de São Paulo, 1997 e 2005

Em porcentagem

Tipos de Desemprego	Salvador		São Paulo	
	1997	2005	1997	2005
Taxas de Desemprego				
Total	21,6	24,4	16,0	16,9
Aberto	12,4	14,2	10,3	10,5
Oculto	9,2	10,2	5,7	6,4
Trabalho Precário	6,0	7,4	4,2	4,8
Desalento	3,2	2,8	1,5	1,5

Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego. Seade-Dieese/SP, SEI-Setras-UFBA/BA e MTE/FAT.

³ Média referente ao período de janeiro a setembro de 1989, segundo informações da Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Salvador, realizada de 1987 a 1989.

Tabela 4
Distribuição dos desempregados, segundo atributos pessoais
Regiões Metropolitanas de Salvador e de São Paulo, 1997 e 2005
 Em porcentagem

Atributos Pessoais	Salvador		São Paulo	
	1997	2005	1997	2005
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Sexo				
Homens	49,7	45,3	50,8	46,0
Mulheres	50,3	54,7	49,2	54,0
Posição no Domicílio				
Chefe	23,2	24,5	25,6	23,5
Demais	76,8	75,5	74,4	76,5
Faixa Etária				
10 a 14 Anos	3,3	(1)	4,9	1,9
15 a 17 Anos	12,1	5,4	15,6	12,9
18 a 24 Anos	35,0	38,7	29,8	33,1
25 a 39 Anos	34,5	38,3	32,4	31,8
40 a 49 Anos	10,5	12,1	11,3	13,0
50 a 59 Anos	3,5	4,3	4,6	6,1
60 Anos e Mais	(1)	(1)	1,4	1,3
Nível de Instrução				
Analfabeto	4,0	1,8	3,5	2,6
Ensino Fundamental Incompleto	50,6	31,0	50,9	29,1
Ensino Fundamental Completo + Médio Incompleto	20,6	25,4	26,1	27,1
Ensino Médio Completo + Superior Incompleto	22,4	39,0	15,8	36,1
Ensino Superior Completo	2,5	2,8	3,7	5,0
Raça/Cor				
Negros	85,1	90,6	40,8	44,0
Não-Negros	14,9	9,4	59,2	56,0

Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego. Seade-Dieese/SP, SEI-Setras-UFBA/BA e MTE/FAT.
 (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

O desemprego acentuado e de longa duração é uma das principais características do mercado de trabalho sob o padrão de desenvolvimento adotado pelo país na década passada. A dificuldade de encontrar novas oportunidades de ocupação é evidenciada pela expressiva elevação do tempo médio de procura por trabalho, praticamente duplicado na RMS (de 36 para 70 semanas, entre 1997 e 2005) e na RMSP (de 28 para 53 semanas). O percentual de desempregados procurando ocupação *há mais de um ano* mais do que dobrou nessas regiões, sendo que a maior concentração nessa faixa de tempo de procura é verificada em 2005 (35,3% na RMS e 24,7% na RMSP), o que se contrapõe a anos anteriores, nos quais a maior participação de desempregados era na faixa de *uma semana a um mês* de procura. A gravidade dessa situação, além da econômica e emocional para o desempregado e sua família, está no fato de que, quanto maior for o período de desemprego, mais difícil torna-se uma reinserção ocupacional. E quando esse indivíduo encontra um trabalho, há maior probabilidade de

que seja de caráter mais frágil do que o exercido anteriormente (DEMAZIÈRE, 1995).

Participação de assalariados passa a ser semelhante entre a RMS e a RMSP

O total de ocupados na RMS equivalia a 1.298 mil pessoas em 2005, crescimento de 22,3% em relação a 1997. Na RMSP houve aumento de 16,3% nesse período, elevando o contingente de ocupados para 8.342 mil pessoas.

A RM de São Paulo, reconhecida pela elevada densidade industrial, ocupava, em 1989, 33,0% do total de trabalhadores na Indústria e, após passar pelo período de reestruturação produtiva na década de 1990, reduziu seu percentual de ocupados no setor para 19,5% em 2005. Mais da metade dos trabalhadores da região passou a se ocupar nos Serviços (53,1%) e a proporção daqueles que estavam no Comércio diminuiu de 17,0% para 16,1% (Tabela 5).

Na RMSP, a capacidade de absorção de trabalhadores nos Serviços, no período analisado, deveu-se, principalmente, aos serviços especializados, pessoais, de saúde, comunitários, auxiliares e de reparação e limpeza. Por outro lado, alguns ramos do setor tiveram redução do pessoal ocupado, em especial o segmento creditício e financeiro. Situação bastante parecida ocorreu na região

Tabela 5
Distribuição dos ocupados, segundo setores de atividade
Regiões Metropolitanas de Salvador e de São Paulo, 1997 e 2005
 Em porcentagem

Setores de Atividade	Salvador		São Paulo	
	1997	2005	1997	2005
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	8,4	9,3	21,0	19,5
Comércio	17,9	16,1	17,0	16,1
Serviços	58,0	60,8	50,3	53,1
Construção Civil (1)	3,0	2,9	2,7	2,3
Serviços Domésticos	10,8	9,4	8,4	8,6
Demais	1,9	1,6	0,6	0,5

Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego. Seade-Dieese/SP, SEI-Setras-UFBA/BA e MTE/FAT.
 (1) Exclui Reformas e Reparações de Edificações.

de Salvador, acrescentando-se o aumento da proporção de ocupados nos serviços de utilidade pública e nos outros serviços (provavelmente atividades vinculadas ao turismo).

O assalariamento representa 61,8% do total de ocupados na RMS e 63,4% na RMSP, e o trabalho autônomo 22,7% e 19,1%, respectivamente (Tabela 6). Em 1989, essas proporções eram, respectivamente, de 57,5% na RMS e 72,1% na RMSP para os assalariados e de 25,5% e 14,4% para os autônomos, mostrando relativa fragilização da estrutura ocupacional em um mercado mais formalizado e relativa formalização de outro menos estruturado, tomando-se como referência um período anterior às transformações da base produtiva e aos incentivos fiscais, que estimularam a implantação de empresas fora dos grandes eixos econômicos. (Tabela 6).

Esses movimentos contrapostos ficam mais evidentes ao se desagregarem as informações de assalariamento. Entre 1997 e 2005, a proporção de assalariados com carteira assinada cresceu principalmente na RMS (de 29,2% para 36,8%) e a de assalariados sem carteira assinada aumentou mais na RM de São Paulo (de 11,9% para 13,8%). Nesse período, o percentual de trabalhadores autônomos elevou-se

apenas na região de São Paulo. A composição do trabalho autônomo é diferenciada nas duas regiões, com participação bem maior daqueles que trabalham para o público em Salvador (84%), enquanto em São Paulo essa proporção (54%) é parecida com a do trabalho autônomo vinculado a empresas (46%).

Entre 1997 e 2005, o percentual de empregadores reduziu-se em ambas as regiões: de 4,3% para 3,9%, na de Salvador, e de 5,2% para 4,0%, na de São Paulo. O emprego doméstico também diminuiu sua participação

na região baiana (de 10,8% para 9,4%) e pouco se alterou na paulista (de 8,4% passou para 8,6%).

O setor público, que continua empregando maior proporção de pessoas na RMS do que na RMSP, diminuiu sua importância nas duas localidades, chegando a 13,4% e 8,0% do total de ocupados, em cada uma dessas regiões, respectivamente.

É possível que a mudança do perfil ocupacional na RMS esteja vinculada, principalmente, ao papel da indústria metal-mecânica e petroquímica e dos serviços de utilidade pública como importantes geradores de postos de trabalho regulamentados e cujos rendimentos médios, entre os mais elevados, influenciam na dinâmica de outros segmentos da economia, através da ampliação do poder de compra. Por

outro lado, o processo de flexibilização da contratação de mão-de-obra, no que diz respeito ao aumento do assalariamento sem carteira assinada e do trabalho autônomo, parece ter afetado com maior intensidade regiões mais industrializadas, uma vez que, além da RMSP, crescimento em proporções semelhantes foi registrado apenas na região de Porto Alegre (DIEESE, 2001).

O tempo médio de trabalho dos ocupados permaneceu em 43 horas semanais em ambas as regiões. Entre 1997 e 2005, a porcentagem de ocupados que trabalharam acima da jornada legal diminuiu de 46,2% para 45,0%,

O processo de flexibilização da contratação de mão-de-obra, no que diz respeito ao aumento do assalariamento sem carteira assinada e do trabalho autônomo, parece ter afetado com maior intensidade regiões mais industrializadas

Tabela 6
Distribuição dos ocupados, segundo posição na ocupação
Regiões Metropolitanas de Salvador e de São Paulo, 1997 e 2005

Posição na Ocupação	Em porcentagem			
	Salvador		São Paulo	
	1997	2005	1997	2005
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Total de Assalariados (1)	56,1	61,8	61,6	63,4
Setor Privado	40,0	48,3	53,2	55,3
Com Carteira Assinada	29,2	36,8	41,3	41,6
Sem Carteira Assinada	10,8	11,5	11,9	13,8
Setor Público	16,1	13,4	8,3	8,0
Trabalhadores Autônomos	24,6	22,7	18,2	19,1
Trabalha para o Público	19,7	19,0	10,6	10,3
Trabalha para Empresa	4,9	3,8	7,5	8,8
Empregadores	4,3	3,9	5,2	4,0
Empregados Domésticos	10,8	9,4	8,4	8,6
Demais (2)	4,2	2,2	6,6	4,8

Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego. Seade-Dieese/SP, SEI-Setras-UFBA/BA e MTE/FAT.

(1) Incluem os que não informaram o segmento em que trabalham.

(2) Incluem trabalhadores familiares, donos de negócio familiar, profissionais universitários autônomos, etc.

na RMS e de 45,1% para 42,4%, na RMSP. Esses níveis, no entanto, permanecem elevados desde a década de 1990, o que indica que a hora extra, como recurso adicional ao da flexibilização da mão-de-obra adotado pelas empresas, diminuiu, mas parece estar longe de ser descartada.

Rendimento do trabalho diminui mais em São Paulo

Em 2005, a média do rendimento dos ocupados equivalia a R\$ 732 na RMS, com redução de 17,7% em relação a 1997, e a R\$ 1.060 na RMSP, retração de 32,2% no mesmo período. A desvalorização dos rendimentos foi praticamente generalizada segundo o setor de atividade ou o tipo de ocupação, entre 1997 e 2005, embora mais intensa nas formas de ocupação que podem ser consideradas mais desregulamentadas (autônomos e empregadores nas duas regiões e empregados domésticos em São Paulo), conforme Tabela 7.

Em 2005, os salários médios que mais se aproximavam entre a RMS e a RMSP referem-se aos do setor público (R\$ 1.353 e R\$ 1.586, respectivamente) e, no setor privado, aos da Indústria (R\$ 977 e R\$ 1.252, respectivamente). Com exceção dos salários pagos na Construção Civil, todos os demais ficaram menos diferenciados entre as duas regiões, devido ao de-

créscimo menor na RMS. No caso do setor público, a redução entre 1997 e 2005 foi de 7,1% na RMS e de 22,3% na RMSP e, no da Indústria, de 16,1% e 25,9%, respectivamente.

O alto patamar de salário na Indústria em relação ao dos demais setores deve-se aos rendimentos pagos nos ramos petroquímico e metal-mecânico, que são os mais elevados nas duas regiões e também os que apresentaram maior decréscimo no setor industrial da RMS, entre 1997 e 2005.

O diferencial entre os rendimentos de homens e mulheres é idêntico nas duas regiões. O rendimento médio recebido por hora pelas mulheres diminuiu menos do que o dos homens e tornaram-se equivalentes a R\$ 3,40, na RMS, e R\$ 4,87, na RMSP, em 2005. Devido à menor redução, esses valores passaram a corresponder a 75,6% dos rendimentos médios/hora dos homens nessas regiões, percentual que equivalia a 69,8% em Salvador e a 73,2% em São Paulo, em 1997.

A despeito de remunerações médias do trabalho maiores em São Paulo, a distribuição da massa de rendimentos é bastante semelhante nas duas regiões, com concentração um pouco mais acentuada na Região Metropolitana de Salvador para o grupo de 10% de ocupados mais ricos. Ao longo da série da pesquisa, no entanto, a redução da concentração para esse grupo foi mais intensa em Salvador, devido ao crescimento dos rendimentos do trabalho para os ocupados mais pobres e diminuição para aqueles com maiores rendimentos: na RMS, a apropriação da massa entre os 10% mais ricos passou de 47,0%, em 1997, para 42,4%, em 2005 e, na RMSP, de 41,8% para 41,0%, no mesmo período.

Tabela 7

Rendimento médio real¹ dos ocupados, segundo categorias selecionadas

Regiões Metropolitanas de Salvador e de São Paulo, 1997 e 2005

Em reais de novembro de 2005

Categorias Selecionadas	Salvador		São Paulo	
	1997	2005	1997	2005
Total de Ocupados	889	732	1.563	1.060
Total de Assalariados (2)	1.005	840	1.546	1.136
Setor Privado	820	701	1.463	1.070
Indústria	1.164	977	1.689	1.252
Comércio	692	553	1.164	830
Serviços	770	679	1.427	1.057
Construção Civil (3)	941	700	1.279	995
Com Carteira Assinada	948	783	1.613	1.172
Sem Carteira Assinada	437	423	926	756
Setor Público	1.456	1.353	2.040	1.586
Trabalhadores Autônomos	585	457	1.248	726
Empregadores	2.732	2.037	4.383	2.882
Empregados Domésticos	216	242	546	387

Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego. Seade-Dieese/SP, SEI-Setras-UFBA/BA e MTE/FAT.

¹ Inflatores Utilizados: ICV-Dieese/SP e IPC-SEI/BA.

(2) Incluem os que não informaram o segmento em que trabalham.

(3) Exclui Reformas e Reparações de Edificações.

Tabela 8

Rendimento médio real¹ por hora dos ocupados no trabalho principal, segundo sexo

Regiões Metropolitanas de Salvador e de São Paulo, 1997 e 2005

Em reais de novembro de 2005

Sexo	Salvador		São Paulo	
	1997	2005	1997	2005
Total de Ocupados	4,83	3,98	8,49	5,76
Homens	5,53	4,50	9,33	6,44
Mulheres	3,86	3,40	6,83	4,87

Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego. Seade-Dieese/SP, SEI-Setras-UFBA/BA e MTE/FAT.

¹ Inflatores Utilizados: ICV-Dieese/SP e IPC-SEI/BA.

Mesmo com esse desempenho – do qual programas de transferência de renda parecem ter importante contribuição –, a distribuição da massa de rendimentos continua extremamente concentrada, devido, principalmente, a rendimentos médios em patamares bastante rebaixados e à escassez de oferta de trabalho, sobretudo mais qualificado e protegido pelas leis trabalhistas. Esta situação ajuda a explicar a necessidade de algumas famílias em encontrar recursos para sua subsistência, como, por exemplo, a execução de trabalhos eventuais concomitante à procura por um trabalho mais adequado, percebida pelo aumento da taxa de desemprego oculto pelo trabalho precário nas duas regiões.

REFERÊNCIAS

- DEDECCA, C. S.; MENEZES, W. F.; CARRERA-FERNANDEZ, J. Entendendo o desemprego pelos indicadores das regiões metropolitanas de São Paulo e de Salvador. In: SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONOMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. *Descaminhos no mercado de trabalho: transições ocupacionais e mobilidade social*. Salvador: SEI, 2003. p. 35-43. (Série Estudos e Pesquisas, 66).
- DEMAZIÈRE, D. *La sociologie du chômage*. Paris : La Decouverte, 1995. 127 p.
- PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO NA GRANDE SÃO PAULO: principais resultados. São Paulo: Seade, 1990. n. 21.
- A SITUAÇÃO do trabalho no Brasil. São Paulo: Dieese, 2001. 354 p.
- TROYANO, A. A. A. Trajetória de uma pesquisa: avanços e obstáculos. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo: Seade, v. 4, n. 3-4, p. 69-74, jul./dez. 1990.